



Processos de conversão ao Movimento Hare Krishna em Campina Grande-PB

Maylle Alves Benício¹

Introdução

Para além da esfera teológica, o Movimento Hare Krishna abarca a dinâmica do comportamento humano em suas várias esferas, desde a indumentária, permeada por típicas peças indianas, e a alimentação – regida por uma dieta lactovegetariana – até à organização familiar e social, ao passo que a síntese de suas crenças e simbologias confere-lhe um *ethos* próprio.

É pertinente destacar, desde logo, que a Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna (ISKCON)², comumente denominada de Movimento Hare Krishna, é uma tradição religiosa advinda do vaishnavismo Gaudiya, uma das vertentes do que hoje se conhece por hinduísmo. Por sua vez, o hinduísmo é, em última análise, um conjunto multifacetado de diversas vertentes religiosas, que apesar de compartilharem de alguns princípios básicos e similar origem histórica, reservam entre si diferenças em seus ritos, cultos, doutrinações e interpretações filosóficas.

Fazendo parte de um sistema religioso milenar, o Movimento Hare Krishna somente se consolidou no ocidente a partir da década de 1960, quando o líder religioso A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada, oficializou em 11 de julho 1966³, a ISKCON no estado de Nova York, Estados Unidos. Prabhupada veio para o ocidente com o objetivo primordial de pregar a consciência de Krishna, ampliando significativamente o número de conversos.

¹Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba, bolsista do CNPq. Trabalho relacionado à pesquisa de mestrado, orientada pelo professor Dr. Lemuel Dourado Guerra Sobrinho, vinculado à Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: maylle.benicio@gmail.com.

² A sigla ISKCON é proveniente do inglês: *International Society for Krishna Consciousness*.

³ Dados disponíveis em: http://iskcon.org/founder-acharya#.UgJ_ZNI3tj0 Acesso em: 09 set. 2014.



Em relação ao Brasil, a ISKCON lançou suas bases na década de 1970 e paulatinamente passou a compor o cenário religioso brasileiro, disputando espaço com outras denominações (GUERRIERO, 2001). Mais de quatro décadas depois de sua chegada, o Movimento permanece atuante, tendo fundado ao longo desse período diversos templos, comunidades rurais, fazendas retiro, ecovilas e centros culturais urbanos distribuídos em praticamente todos os estados de norte a sul do país.

O recorte empírico da nossa pesquisa volta-se para comunidade Hare Krishna de Campina Grande – PB, que chama atenção por reunir devotos provenientes de diversas partes do Brasil e inclusive de outros países. A cidade abriga, em um mesmo complexo, o condomínio *Naimisharanya* – onde residem famílias de devotos –, um templo com programações regulares e o Instituto Jaladuta – que possui uma proposta de educação vaishnava, oferecendo o ensino das principais obras da literatura indiana que embasam teoricamente o Movimento. Vale ressaltar que esse Instituto é único de toda a América, assim sendo, a comunidade Hare Krishna alocada em Campina Grande retrata um importante polo da ISKCON, não apenas no âmbito nacional, mas internacionalmente.

A adesão ao Movimento Hare Krishna é aqui pensada em termos de conversão, um processo que marca de forma expressiva a trajetória de vida dos devotos de Krishna, na medida em que no Brasil ainda são poucos os já nascem dentro dessa comunidade de fé.

A conversão religiosa é uma temática que desperta o interesse dos estudiosos das ciências sociais desde há muito tempo, em razão da ressignificação pessoal que os processos de conversão podem reproduzir na vida dos indivíduos, alterando suas visões de mundo e conseqüentemente suas condutas na vida social prática (Cf. LOFLAND; STARK, 1965; GARTRELL; SHANNON, 1985; RAMBO, 1993; MAFRA, 2000, FINKE, 2000; HERVIEU-LÉGER, 2008).

No que tange à metodologia empregada no desenvolvimento do trabalho, foi utilizada a pesquisa de enfoque qualitativo, sendo composta uma amostra não probabilística de indivíduos, embasada na escolha de indivíduos-tipo para a análise dos perfis sociais e sua eventual relação com a



aproximação e afiliação ao Movimento Hare Krishna. Nesse contexto, cabe ressaltar que o universo da pesquisa restringiu-se aos indivíduos convertidos e/ou em processo de conversão ao Movimento Hare Krishna residentes em Campina Grande.

Fizemos sessões sistemáticas de observação direta e participante, durante as quais coletamos dados sobre trajetórias de vida dos conversos através da realização de 14 entrevistas semiestruturadas com os indivíduos-tipo escolhidos para a análise. Também foram aplicados 39 questionários, que contemplaram todo o universo das famílias residentes no condomínio *Naimisharanya*, todos os estudantes do Instituto Jaladuta do ano letivo de 2014, além de uma parte de devotos externos que não residem no condomínio, com os quais foi possível entrar em contato por meio das programações realizadas no templo.

Florescimento do Movimento Hare Krishna em Campina Grande -PB

O desenvolvimento da ISKCON em Campina Grande-PB não reúne registros escritos que sistematizem sua história. Posto que até então nenhum estudo acadêmico havia sido elaborado sobre o tema, a presente pesquisa torna-se pioneira. Não havendo fontes escritas específicas, recorreu-se ao método qualitativo de história oral para angariar as informações necessárias, tendo sido entrevistados, por meio de entrevistas semiestruturadas, 3 devotos antigos que participaram do despertar do Movimento Hare Krishna em Campina Grande.

Envolvidos e encantados por uma canção, é esse o sentimento descrito pelos devotos entrevistados ao rememorarem a primeira vez em que escutaram a entoação do mantra Hare Krishna. Essa experiência de primeiro contato aconteceu no final da década de 1970, quando alguns membros da ISKCON passaram por Campina Grande e despertaram simultaneamente espanto, curiosidade e interesse por parte de alguns jovens, que posteriormente se tornariam devotos.

A partir da década de 1980, um pequeno grupo de interessados em conhecer mais os ensinamentos e fazer parte do Movimento Hare Krishna começou a reunir-se. O grupo ganhou a simpatia das famílias indianas que



residiam na cidade, ao passo que essas deram certo apoio, cedendo inclusive alguns espaços físicos para o embrionário núcleo de devotos que estava se desenvolvendo.

A partir de meados da década de 1990, o Movimento Hare Krishna em Campina Grande passa a ganhar mais visibilidade, graças ao *Encontro da Nova Consciência*, através do qual pode ser visto nas mídias e expor suas concepções no espaço público da cidade. Os devotos intensificam suas abordagens nas ruas, vendendo livros de Prabhupada, cantando e dançando em louvores a Krishna.

Na década de 1990, o Movimento Hare Krishna já disponibilizava uma programação devocional semanal aberta ao público, todos os sábados. Todavia, ainda não havia um templo. Nesse sentido, estava progredindo de maneira diferente do que era visto em todas as outras cidades em que o padrão era um grupo de jovens monges, com roupas e cortes de cabelo típicos do vaishnavismo na Índia, que residiam em comunidades rurais ou templos urbanos.

Apenas recentemente, depois do início dos anos 2000, é que foi instalado em Campina Grande um templo, com deidades tradicionais ao subcampo dos Hare Krishna, e programação devocional diária. A partir de então, as famílias de devotos começaram a residir no mesmo complexo em que se situa o templo, no condomínio *Naimisharanya*.

Tornando-se um Hare Krishna: etapas e relatos

Apresentamos, a seguir, as etapas dos processos de conversão à ISKCON em Campina Grande- PB, a partir dos relatos e trajetórias dos próprios adeptos, colocando em pauta os desdobramentos desses processos na vida social prática dos indivíduos. Convém destacar que utilizamos nomes fictícios para os autores dos relatos, com intuito de preservar suas identidades.

Primeiros contatos e fatores motivacionais

Entrar pela primeira vez em um Templo Hare Krishna é vivenciar a experiência sinestésica de ritmos, cores, aromas, músicas e dança. Flor,



incenso, fogo e água oferecidos ritualisticamente em adoração a estátuas vistas como deidades, pessoas vestidas com roupas indianas típicas, todos descalços, cantando e dançando melodias em sânscrito. Todo esse aparato multissensorial tende a causar sensações múltiplas: do *estranhamento* ao *deslumbre*. Essa percepção parte não só de uma visão particular na condição de pesquisadora. Ela também aparece recorrentemente nos relatos dos conversos que entrevistamos.

A entrada no templo, contudo, raramente constitui o primeiro contato dos indivíduos com o Movimento. Quando questionados sobre como o conheceram, muitas respostas vão na direção de uma sutil abordagem: um trecho de um filme ou uma música que de maneira indireta tratavam do tema, a leitura de um livro de Prabhupada ou o contato por acaso com os devotos realizando *harinama sankirtana* pelas ruas⁴. De acordo com alguns dos entrevistados esses primeiros contatos serviram como um *estalo de curiosidade*, o despertar do interesse em conhecer mais sobre algo até então exótico, cheio de símbolos e códigos de mensagens diferentes dos quais, em geral, os indivíduos estavam acostumados.

Nem todas as pessoas que de alguma maneira entram em contato com esse modelo de religiosidade se sentem atraídos por ele. Para que isso aconteça e o sujeito configure-se como um potencial converso ao Movimento Hare Krishna é necessário uma confluência de fatores condizentes com a trajetória de vida de cada indivíduo. Essa predisposição está ligada a questões não apenas sociológicas, mas de diversos outros âmbitos, sendo a conversão um processo *holístico* (RAMBO,1993). De uma forma geral, é possível dizer que o contexto histórico-social em que os indivíduos estão inseridos, a constituição familiar, o modelo educacional seguido *etc.*, são exemplos de fatores que se associam nos processos de conversão à ISCKON.

Outro fator de influência diz respeito às condições socioeconômicas dos indivíduos. Sobre esse assunto, cabe evocar a perspectiva apresentada por Hervieu-léger (2008) no tocante à relação entre estratos sociais e as dimensões da identificação religiosa. Nesse caso, a dimensão ético-cultural –

⁴ A maioria dos devotos conheceram o Movimento Hare Krishna em outras cidades, tendo em vista que a maioria não é campinense.



descrita pela autora como sendo típica das camadas positivamente privilegiadas, em que a conversão é regida pela busca do sentido maior da vida e por uma maior espiritualização – adequa-se perfeitamente aos processos de conversão analisados na pesquisa, tanto em relação ao perfil identificado⁵ dos conversos, quanto em relação às suas motivações para a conversão, segundo demonstram os próximos depoimentos.

Quando os entrevistados foram indagados sobre as motivações que lhes levaram a se converter, foi possível identificar dois tipos de respostas mais frequentes: uma, relacionada à proposta apresentada de satisfação pessoal, autorrealização e plenitude espiritual; e a outra ligada ao convencimento intelectual ofertado, estando ambas, em alguma medida, correlacionadas:

O que mais me motivou foi o encadeamento lógico das explicações filosóficas e teológicas. Eu tinha um espírito muito crítico com espiritualidade, teve uma época em que eu me definia como agnóstico, porque eu não via sentido em muitas coisas das explicações religiosas. E no Movimento tudo fazia muita lógica e eu sentia uma esperança de entender o que eu ainda não entendia. (Damodara, 10/2014)

O motivo foi perceber que ali eu poderia encontrar as respostas para as perguntas que eu tinha em mente desde sempre. Foi ver na filosofia vedanta o caminho pra eu conseguir tomar conhecimento das coisas reais, enxergar de fato como funciona o mundo e enxergar a presença de Deus em todos os sentidos. (Baladeva, 09/2014)

Os conversos demonstram, de acordo com o que expuseram sobre suas trajetórias pré-conversão ao longo da pesquisa, que tinham questionamentos persistentes sobre o sentido da vida, que mantinham intimamente uma angústia por não encontrar lógica quanto ao funcionamento do mundo. Esses questionamentos, em geral, não estão atrelados a acontecimentos pontuais da vida cotidiana, mas expressam-se como inquietantes reflexões filosóficas sobre o todo, o mundo, o universo.

Nesse ponto é importante destacar que, em comparação aos modelos tradicionais de conversão, a categoria “crise” proposta como situação inicial fundamental da conversão (Cf. LOFLAND; STARK, 1965; RAMBO, 1993) aqui somente é válida caso seja ressignificada. A crise, nesse cenário, não pode

⁵ A partir da análise dos dados da pesquisa o perfil identificado dos devotos pode ser resumido da seguinte forma: são mulheres e homens jovens, com predominância do nível de escolaridade alto e relevante capital intelectual, que possuem uma renda mensal mediana ou alta e foram em sua maioria sociabilizados na tradição católica, antes de iniciar os processos de conversão à ISKCON.



ser encarada somente como um período agudo de turbulências, desencadeada por um ou vários acontecimentos que facilmente possam ser identificados pelo indivíduo, tais como: a perda de um ente querido, separações conjugais, a perda de um emprego, o diagnóstico de doença grave *etc.* Na maioria dos casos, os questionamentos que afligiam os sujeitos eram de caráter “permanente” e embora, possivelmente, haja um momento em que esses questionamentos tenham surgido, os indivíduos não conseguem identificá-lo precisamente, conforme relatou acima, o devoto Baladeva: “ali eu poderia encontrar as respostas para as perguntas que eu tinha em mente *desde sempre*”. Dessa forma, a busca por respostas a tais indagações parece ter sido uma constante em suas vidas, até o momento em que se deparam com o Movimento Hare Krishna e percebem nele a possibilidade de preencher suas lacunas existenciais.

Socialização e interiorização de novos valores

A partir do momento em que o indivíduo, na condição de potencial converso, entra em contato com o Movimento Hare Krishna e se sente motivado a seguir essa conduta religiosa, ele passa por um período de transição, em que acontece a assimilação de novas crenças, valores e práticas, ao mesmo tempo em que se intensifica a socialização com os já conversos.

É fundamental notar que esse também trata-se de um período de purificação, “limpeza mental”, para que o devoto torne-se apto a ser iniciado oficialmente. Desse modo, é necessário que o indivíduo passe a fazer observância dos quatro princípios ético-reguladores pregados pela ISKCON: 1) Não ingerir carne nem ovos, a fim de não ferir o preceito da não violência e da misericórdia por todas as entidades vivas; 2) Não praticar jogos de azar, pois vão de encontro ao princípio da veracidade e da honestidade; 3) Não fazer uso de intoxicantes, como uma forma de austeridade e considerando que esses obscurecem *a visão límpida sobre a realidade*; e 4) Não praticar sexo ilícito, como forma de atender ao princípio da pureza e da prática do autocontrole sobre os sentidos. A prática sexual, portanto, somente é permitida dentro do casamento.



Para que os indivíduos se adequem totalmente aos princípios regulamentares, é realizado um processo contínuo de disciplinarização de seus corpos e mentes, de maneira que transformem seus hábitos de forma gradual e enxerguem as mudanças como algo completamente *natural*. Para isso, reitera-se que a constância no templo, a participação nas aulas sobre as escrituras e o estreitamento da convivência com os devotos é tão fundamental.

Nesse contexto, o Instituto Jaladuta funciona como um intensificador desse processo. Todos os internos têm uma rígida rotina diária a seguir. Durante os oito meses internos, mulheres e homens ficam em *ashrams* – espécie de casas onde residem os estudantes – separados, e por estarem na condição de celibatários devem evitar qualquer tipo de aproximação entre si que não seja necessária, para que não haja contaminação dos pensamentos – que devem estar completamente voltados para o cultivo da espiritualidade. Durante esse tempo, as atitudes dos devotos são observadas constantemente pelas lideranças locais e qualquer um que desvie das normas estabelecidas é prontamente repreendido. Com isso, os sujeitos estão sempre em estado de alerta em relação aos seus próprios pensamentos e ações, ao mesmo tempo em que são sempre instruídos a serem pessoas *humildes e obedientes*.

Refletindo sobre esse processo disciplinar a que os devotos são submetidos – ainda mais fortemente no Instituto – infere-se que ele sirva não apenas a uma interiorização de novos valores para a ascensão do indivíduo na plataforma espiritual, mas simultaneamente para a manutenção da hierarquia estabelecida no interior da ISCKON. Em comunhão com o pensamento de Foucault (1999), a disciplina forma “corpos dóceis” – submissos e servis – e favorece a alocação desses corpos em um determinado espaço, fazendo-os circular numa rede de relações hierárquicas.

Oficialização da condição de devoto

De acordo com a ISKCON, o período mínimo atualmente para que um adepto receba a primeira iniciação é o de um ano sem interrupção praticando



com seriedade os princípios regulamentares. Durante esse período, o indivíduo escolhe um líder espiritual reconhecido oficialmente pelo GBC⁶ – *Governing Body Commission*, a organização máxima da ISKCON – para ser seu *diksa-guru*⁷.

O mestre espiritual ou *guru* tem a função de instruir o discípulo para que esse alcance uma maior consciência de Krishna, transmitindo-lhe fidedignamente os ensinamentos sagrados. Ele ocupa o posto mais alto dentro da hierarquia institucional e na plataforma espiritual é visto como um devoto puro, representante de Deus nesse mundo. Os discípulos são instruídos a cumprimentar o *guru* oferecendo-lhe reverências – tocando com a testa no chão – e a prestar-lhe todo o tipo de serviço solicitado.

Na visão dos devotos, com os quais conversamos no decorrer da pesquisa, parece ser consensual a ideia de que o ritual de iniciação não figura o início da prática espiritual, mas apenas sua oficialização e de que toda pessoa que comece a frequentar as programações e a seguir os princípios ético-regulamentares já pode ser tida como um *devoto* de Krishna, como um membro da ISKCON, independentemente de ser iniciado oficialmente ou não.

Há devotos em Campina Grande que levaram vários anos até receberem a primeira iniciação e há ainda os que não receberam. A maioria dos que vivenciam essa situação expôs que mesmo seguindo os princípios, queria *lograr um maior amadurecimento, para não correr o risco de quebrar os votos depois de iniciado*.

Essa é uma característica importante do processo de conversão aqui estudado. Diferentemente de outras religiões, em que o sujeito somente é reconhecido como *converso* após o batismo ou outra cerimônia iniciática, no caso em tela o sujeito já se auto percebe como um Hare Krishna e é assim reconhecido pelos outros devotos, desde o momento em que se mostra empenhado em seguir o Movimento e seus princípios. Possivelmente isso

⁶ O GBC situa-se em Mayapu, na Índia e é o órgão responsável por gerenciar a ISKCON e manter os padrões espirituais estabelecidos por Srila Prabhupada.

⁷ Existem dois tipos de guru: o *diksa-guru* que é o mestre espiritual oficializado pela GBC e que dá a iniciação ao discípulo e o *siksa-guru*, que caracteriza-se como sendo um devoto avançado que tenha inserido o indivíduo na consciência de Krishna e lhe guie informalmente na vida espiritual.



ocorra porque, sendo a ISCKON uma tradição religiosa totalmente diferente da que os sujeitos estão previamente inseridos, somente o reconhecimento de Krishna como Deus já represente um grande passo e a determinação em seguir seus princípios simbolize o convencimento do neófito em relação ao fundamental dos seus ensinamentos.

Todavia, os processos oficiais de iniciação ainda preservam nível substancial de relevância no âmbito institucional, posto que garantem empoderamento simbólico e conferem identidade ao adepto, pois embora seja reconhecido como devoto, o não-iniciado é ainda um “anônimo” no grupo e suas atividades são restritas, em consonância com o que percebeu Guerriero (1989).

Há três principais iniciações que seguem uma ordem hierárquica ascendente: a iniciação *harinama*, a *bramínica* e a de ordem renunciada – *sannyasi*. Contudo, a primeira iniciação pode ser entendida como a de maior impacto na vida do devoto, no sentido de romper com a liminaridade em que a posição de devoto/converso lhe coloca. O período liminar, nos termos de Van Gennep (1960) é o período em que, durante um processo de transição, os indivíduos encontram-se no meio de um caminho que leva um “eu social a outro”, estando na maioria das vezes desprovidos de poder e identidade – pois foram despojados de suas antigas identidades, mas ainda não consolidaram uma nova. Nesse caso, os devotos não-iniciados encontram-se em um período liminar, até que tenham a primeira iniciação e sejam empoderados, inclusive ganhando um novo nome, o que lhes confere finalmente uma identidade dentro do grupo.

Repercussão da conversão na vida cotidiana

Conforme a hipótese weberiana de que a religião orienta as experiências dos indivíduos e suas ações cotidianas (WEBER, 2012), e com base na observação dos processos de conversão e entrevistas realizadas durante a pesquisa de campo – podemos dizer que, ao tornar-se um Hare Krishna, o aspecto religioso passa a influenciar em todas as esferas da vida cotidiana dos conversos, da alimentação à prática sexual:



Nesse processo de bhakti yoga, o que é central pra gente como devoto de Krishna é você colocar sua vida inteira como uma maneira de adoração, é uma prática. Então, quando você cozinha ou quando faz qualquer coisa deve ser com o pensamento voltado para Krishna. (Gaura Lila, 11/2014)

Os próprios parâmetros ético-regulamentares estabelecidos pela ISCKON se referem a adoção de novas condutas práticas pelos devotos, os quais, passando a ter uma nova visão acerca da realidade, modificam suas ações e relações sociais.

Um importantíssimo item da vida devocional dos conversos refere-se à associação com outros devotos. Segundo um dos mestres espirituais da ISKCON, Chandramukha Swami (2007), de acordo com as escrituras védicas, o devoto deve evitar a companhia de pessoas materialistas e buscar a associação com devotos *puros*, postulando que somente na companhia dos devotos é possível apegar-se à vida devocional e desapegar-se das atividades mundanas.

Dessa feita, quanto mais os devotos estreitam relações de amizade entre si, mais tendem ao afastamento das relações sociais que mantinham na vida pré-conversão. Seguindo essa direção, até mesmo a interação com os familiares não devotos pode passar por transformações, conforme nos relata o devoto Vyasa (10/2014) sobre sua experiência:

Eu vou visitar meus amigos e familiares...mas, é como se eu tivesse me afastado deles, porque o tipo de conversa não bate com o meu, o tipo de vida não bate com o meu. Eu não me sinto atraído, é só isso. Eu sou grato por tudo que fizeram e fazem por mim, mas eu...o ritmo de vida é diferente, não dá.

Contudo, a experiência de conversão e o grau de impacto na vida de cada indivíduo é variável. Alguns dizem ter sentido uma mudança radical desde o início, enquanto que outros relatam que as mudanças vieram de forma gradual e em razão disso o impacto não foi tão fortemente sentido. Em grande medida, os que disseram ter passado por mudanças abruptas em relação à vida que levavam anteriormente foram os devotos que se converteram há mais tempo, quando o processo para tornar-se um devoto de Krishna implicava na abdicação de todas as atividades consideradas *mundanas*:

No início mudou tudo, completamente tudo, porque eu era um monge de tempo integral. Morando no templo, com uma rotina espiritual de 24 horas por dia. Hoje ainda tem pessoas que moram no templo, que



fazem essa opção, só que, por exemplo, na época que eu entrei em 1981, ou você se rendia ou você não era considerado um devoto. (Jagadisa, 09/2014)

Esse relato confirma que quando o Movimento Hare Krishna estava ainda em fase de consolidação no Brasil, as conversões tinham um aspecto maximalista, utilizando os termos de Mafra (2000), tendo em vista o forte controle da instituição direcionando a experiência do indivíduo na adequação ao novo sistema de crenças e o conduzindo a um distanciamento do mundo externo e secular.

Hoje em dia, conforme percebido a partir da pesquisa empírica realizada em Campina Grande, a instituição continua tendo grande peso nos processos de conversão, especialmente na experiência dos devotos internos no Instituto. Todavia, abriu-se espaço para processos de conversão mais fluidos, em que os indivíduos passam por menor coerção institucional do que anteriormente passavam e ganham autonomia para experimentar a conversão de *forma gradual, a seu tempo*. Esse tipo de conversão, classificada como minimalista, pode ser percebida no caso de devotos externos.

Em relação às famílias que residem no condomínio, deparamo-nos com uma peculiaridade que merece ser destacada: os devotos encontram-se no meio do *continuum* entre o grau máximo e mínimo do controle institucional, tendo em vista que embora cada um resida em sua própria casa e tenha relativa liberdade para desempenhar suas atividades, a regulação institucional engloba toda o ambiente e atividades ali realizadas.

Com a tendência de maior abertura nos processos de conversão, assegurando uma maior autonomia para que os conversos desenvolvam sua experiência privada – sem que abdicuem de suas atividades *mundanas* – revelou-se uma nova maneira de interação dos devotos com o mundo externo: eles continuam desempenhando atividades tidas como seculares, a exemplo do trabalho, mas visam o desapego aos frutos materiais provenientes dele:

No começo, quando você é iniciante até pensa que tem que renunciar as coisas do mundo pra poder ficar perto de Krishna, mas quando a gente amadurece, vê que não precisa renunciar, vê que precisa aprender a entender que não existe nada separado de Krishna e tudo é energia de Krishna. Então, se a gente sabe pegar essa energia e



oferecer a Ele, isso é serviço devocional e não precisa se afastar do mundo. (Vasudama, 10/2014)

Considerações finais:

O estudo sobre os processos de conversão ao Movimento Hare Krishna em Campina Grande-PB proporcionou um amplo espaço de reflexão, somando contribuições ao arcabouço teórico das ciências sociais acerca das conversões religiosas, especialmente ao ressignificar categorias já consagradas como etapas esquemáticas da trajetória de conversão em geral, a exemplo da categoria “crise” descrita como situação inicial indispensável ao desencadeamento dos processos de conversão. No caso por nós estudado, essa etapa não apareceu significativamente.

Para a maioria dos entrevistados, conforme exposto, não foi um momento agudo de perturbações gerado por situações como separações conjugais, diagnóstico de doenças graves, morte de familiares, perda de emprego *etc.* os momentos iniciais da trajetória de conversão. O motivo predominante na amostra de conversos considerada foi o questionamento que afligia os sujeitos, de caráter “permanente”. O que foi apontado nas falas dos entrevistados como uma tendência marcante foi a busca por *respostas* a tais inquietações, que figuravam como uma constante em suas vidas até encontrarem o Movimento Hare Krishna e sentirem que através deste suas lacunas existenciais poderiam ser preenchidas.

No que tange às ressonâncias da conversão na vida social prática dos adeptos verificou-se que a religião orienta, sobremaneira, as experiências dos indivíduos e suas ações cotidianas. Ao tornar-se um Hare Krishna, o aspecto religioso repercute em todos os aspectos da vida dos conversos. Os próprios parâmetros ético-regulamentares estabelecidos pela ISCKON propõem a adoção de novas condutas, ao passo que os devotos passam a ter uma visão diferente acerca da realidade, modificando suas ações e relações sociais.

Por fim, revelou-se, também, uma nova maneira de interação dos devotos com o mundo. Uma vez flexibilizados os processos de conversão, foi



assegurada uma maior autonomia para que os conversos desenvolvessem sua experiência individual sem abdicar de atividades tidas como seculares, a exemplo do exercício de suas profissões. Ficou patente que o converso Hare Krishna não ignora o mundo ao seu redor, nem tenta fugir dele para evitar os descaminhos da vida pecaminosa, de forma contrária desenvolve mecanismos de mudança de percepção a fim de sacralizar tudo o que está a sua volta, vivendo uma *ascese intramundana* (Cf. WEBER, 1987).

Referências bibliográficas:

CHANDRAMUKHA, S. Reflexões sobre os cinco principais itens da vida devocional. Petrolina: Vraja Produções, 2007.

FINKE, R. Acts of faith: explaining the human side of religion. Berkeley, University of California Press, 2000.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis, Vozes, 1999.

GARTRELL, C. David & SHANNON, Zane K. Contacts, cognition and conversion: a rational choice approach. In: Review of Religious Research, 1985.

GUERRIERO, Silas. O Movimento Hare Krishna no Brasil: a comunidade religiosa de Nova Gokula. Dissertação de Mestrado, São Paulo, PUC-SP, 1989. Orientação de: Josildeth Gomes Consorte.

GUERRIERO, Silas. O Movimento Hare Krishna no Brasil: uma interpretação da cultura védica na sociedade ocidental. Revista de Estudos da Religião, 2001.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. O peregrino e o convertido: a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2008.

LOFLAND, John & STARK, Rodney. Becoming a world-saver: a theory of conversion to a deviant perspective. American Sociological Review, 1965.

MAFRA, Clara. Relatos Compartilhados: Experiências de Conversão ao Pentecostalismo entre Brasileiros e Portugueses. Mana, vol. 6, Rio de Janeiro, 2000.

RAMBO, Lewis. Understanding religious conversion. New Haven, CT & London: Yale University Press, 1993.



VAN GENNEP, Arnold. The Rites of Passage. Chicago: Phoenix Books/University of Chicago Press, 1960.

WEBER, Max. Economia e Sociedade, Vol. 1. Brasília: UNB, 2012.

WEBER, Max. Ensayos sobre Sociologia de la Religión. Tomos I y II, Madrid: Taurus, 1987.